



Daciano da Costa e José Brandão em.....





O PEDAGOGO EM VIAGEM [mesa redonda]

Carlos Duarte, Eduardo Afonso Dias, João Paulo Martins, Jorge Spencer, José Brandão, José Neves

Carlos Duarte: arquitecto, professor jubilado da FA-UTL, onde leccionou entre 1976 e 1987. Foi presidente da Associação Portuguesa de Críticos de Arte (1978-1981). Participou na direcção das revistas *Arquitectura* (entre 1957 e 1984) e *Arquitectura Portuguesa* (1984-1986).

Eduardo Afonso Dias: designer, professor jubilado da FA-UTL, onde leccionou nos cursos de Design desde 1994. Em 2000 foi distinguido pelo Centro Português de Design com o Prémio Nacional de Design / Carreira. Foi colaborador do Atelier Daciano da Costa entre 1964 e 1970.

José Brandão: designer, professor convidado da FA-UTL desde 1994, coordenador do curso de Mestrado em Design de Comunicação. Em 2000 foi distinguido pelo Centro Português de Design com o Prémio Nacional de Design / Carreira. Foi colaborador do Atelier Daciano da Costa entre 1964 e 1966.

Com o intuito de recolher experiências de convivência de amigos e colegas de trabalho de Daciano Costa em torno da sua singular postura quando em viagem, no dia 26 de Janeiro de 2006 realizou-se uma mesa-redonda no auditório Cubo na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FA – UTL) que contou com a participação dos arquitectos Jorge Spencer, João Paulo Martins, José Neves, Carlos Duarte e Duarte Cabral de Melo, assim como os designers Eduardo Afonso Dias e José Brandão.

1ª Questão

Jorge Spencer: A ideia que temos é a de que Daciano, em todas as viagens que fazia, tinha uma perspectiva de construção antecipada da viagem, que nalgumas delas correspondia até a uma preparação, a uma construção quase que bibliográfica da mesma. Em alguns dos destinos que ele escolhia havia uma espécie de "viagem de reencontro", uma chegada a lugares/sítios onde ele nunca sequer tinha estado. Não sei até que ponto testemunharam isto ...

José Brandão: Para se falar nas viagens de Daciano é indispensável falar nele como um todo – o intelectual, o artista, o designer – a pessoa que tinha uma visão especial do mundo mas também o *bon vivant*, um ser que fruía de todos os espaços e locais onde chegava, passando, obviamente, por óptimas refeições e pelos fantásticos restaurantes.

A primeira viagem de avião de Daciano (penso que foi em 1965) foi

para o Porto, onde havia uma obra onde eu dava apoio em termos de desenho. Tinha eu 21 anos e esta viagem foi, para mim, um episódio de grande importância.

Volto a encontrá-lo mais tarde em Paris (quanto estive emigrado), assim como em Londres, mas essas viagens não tiveram qualquer componente especialmente cultural, pois eu estava na altura a trabalhar. Foram reencontros de amigos.

No Carnaval do ano 2000, inesperadamente, um grupo de amigos preparou uma viagem de quatro a cinco dias ao Pinhão (Douro) e o Daciano juntou-se ao grupo.

Nesta viagem parámos em Marco de Canavezes e, pela primeira vez, Daciano visitou a igreja do Siza Vieira. Foi uma viagem reveladora em que ele fez uma leitura interessantíssima do espaço e uma avaliação crítica de alguns aspectos. Ele fez uma interpretação inteligente quer das potencialidades do espaço, com o seu valor simbólico e o valor metafórico de um templo, quer na leitura do pormenor, quer na confluência dos materiais e de algumas soluções que ele apontava como sendo de assinalar. Discutimos também a perigosidade de algumas soluções do Siza. As volumetrias são interessantes, com certeza, mas, depois, existe a iminência de pessoas distraídas se precipitarem naquelas escadas sem protecção. Isso era sempre discutido, com o Daciano a argumentar que eu tinha um lado excessivamente pragmático, pouco historicista e não integrado na perspectiva de que Siza foi uma das poucas personalidades que fez frente aos revanchismos, ao revigorar do pós-modernismo, de uma corrente excessivamente



decorativa, tendo sido até reconhecido a nível internacional. Este foi um confronto que eu tive a sorte de ter tido com Daciano. Fomos também a Serralves e, uma vez mais, o espaço foi discutido. Falou-se das soluções construtivas e de alguma crueza e falta de requinte no pormenor. Foi uma viagem muito interessante e por sugestão do Daciano organizámos um piquenique formidável que ele supervisionou com todo o cuidado. Ainda na mesma viagem, deu-se o confronto com um tema que ele tão bem conhecia: o Românico. Como sabem, o Daciano não perdia uma oportunidade de fazer os seus registos, o que me estimulou a acompanhá-lo e a falarmos bastante sobre o assunto. De facto, ele tinha uma percepção do espaço antes mesmo de o transpor para o desenho, absolutamente única. Os grandes contornos, as proporções e as delimitações do território estavam perfeitamente definidos à partida.

2ª Questão

Jorge Spencer: Gostava de introduzir outra questão que se prende com o que acabaste de dizer e que tem sido referida, por exemplo quando foram publicados os "Croquis de Viagem", que é esse sentido de utilização do desenho que representa algo que está para além do visível. Ou seja, Daciano não se serve desse virtuosismo que poderia ter na questão de representação para simplesmente representar pictoricamente o que lá estava. Isto é, ele tinha alguns desenhos mais compreensivos do que o que lá estava. Do ponto de vista da qualidade plástica, até poderiam ser considerados menores mas, em todo o caso, revelavam essa diferença, um olhar mais arquitectónico, se quiserem, da estrutura das coisas, desenhando não só o que se vê mas também a planta ou o corte do objecto. Não sei se alguém testemunhou esse acto, se a isso corresponde alguma conversa que torne racional aquilo que intuitivamente era feito nos desenhos.

José Brandão: Eu aí não vou tão longe... Tenho que dizer que o que o Daciano revelava era aquilo que ele sempre disse e sempre apresentou: o ver pelo desenho. Ao nível da formação, ele tinha

uma cultura que lhe permitia descodificar esses territórios dado o conhecimento antecipado que possuía do que eram as estruturas arquitectónicas e ainda de uma leitura muitas vezes ao nível semi-urbano, pois muitos dos seus desenhos eram já a uma escala de aglomerado.

3ª Questão (colocada especificamente ao Carlos Duarte)

Jorge Spencer: A questão do olhar sobre o construído através do desenho, remete para os anos 60 e para os livros de Gordon Cullen sobre a paisagem urbana em que se procurava, através do desenho, olhar a questão para além do visível, olhar para o inteligível, para as estruturas internas das coisas. E depois há também o Inquérito sobre a Arquitectura Regional Portuguesa onde se dá o uso do desenho de uma forma um pouco taxonómica de se olhar para o real. Neste processo esteve envolvido Frederico Jorge com quem Daciano teve uma relação que se sabe muito intensa. De que modo é que estes desenhos de viagem, que vão para além do visível, estão articulados com a ideia do uso do desenho como instrumento do olhar?

Carlos Duarte: O meu convívio com o Daciano tinha características muito pessoais pois nunca trabalhei com ele e o que dele conheço insere-se numa memória de há 60 anos. Reporto-me portanto aos anos 40, 47 e 48, altura em que comecei a frequentar o atelier do Frederico Jorge, que era o antigo atelier do pintor Conceição Silva, seu sogro, na escola Politécnica. A certa altura, um grupo de colegas nossos começou a trabalhar com ele: Tomás de Figueiredo, António Sena da Silva, Jorge Vieira e o João Abel Manta. Por amizade com Sena da Silva também comecei a frequentar o atelier, assim como o Lima de Freitas e o Carlos Calvet. O atelier era um local de conversa, de encontro e de convívio. Íamos lá para conversar e o Frederico Jorge tinha uma vocação de mestre medieval, recebendo-nos e falando connosco como se fôssemos mais velhos. Foi assim que eu conheci o Daciano. Ele era completamente diferente de nós. Era aquele que trabalhava. Coisa estranha! Quando lá íamos lembro-me de ficar um pouco



comprometido porque nós íamos só para conversar. Às vezes, nas exposições das obras públicas e nos stands que se iam fazendo, o Frederico deixava-nos estragar uns desenhos, fazer umas coisas mas éramos uns diletantes, excepção feita talvez ao Sena que era muito sério naquilo que fazia. Mais tarde, nos anos 50, comecei a conversar com o Daciano com bastante frequência porque ele estava a tirar o curso de Pintura na Escola de Belas-Artes. Ele não gostava muito de ir à Brasileira, que era o meu café. As nossas conversas eram no Café Chiado, onde também falávamos com as pessoas que o frequentavam e que nos interessavam muito. Era uma lista inacreditável, desde o Almada Negreiros e o Abel Manta até ao Ramada Curto, o Herberto Hélder e o Keil do Amaral. Na Brasileira havia um empregado, o Oliveira, que mais tarde deu uma entrevista e disse uma coisa que correspondia à verdade: a Brasileira era uma universidade. Era isso mesmo, era a nossa universidade. Ninguém levava a sério o Cristino da Silva, os dois manos, o sobrinho e o tio (não me lembro do nome). Enfim, eram um monte de nulidades que não nos ensinavam nada. Havia o Leopoldo de Almeida que nos dava aulas de Figura e Modelo Vivo. Bem, íamos à escola só para nos encontrarmos e depois saíamos dali a correr para a Brasileira ou para o Café Chiado. A divisão era de tal ordem que, por exemplo, os surrealistas da Brasileira, que eram o António Pedro, o Azevedo e o José Augusto França quase não falavam com os do Chiado, o Cesariny, o António Villas-Boas, o Risques Pereira, etc. E nós, que éramos um pouco mais novos, usufruíamos daquele convívio. Era uma gente muito simpática, até o Almada, que nos deixava sentar à mesa. A certa altura começou a aparecer também o Daciano mas, mais uma vez, tinha uma atitude diferente. Ele era uma pessoa mais séria do que nós. Havia aqueles que eram considerados irremediavelmente diletantes – o Zé d'Orey era o super-diletante, só falava do Giotto e do Renascimento italiano e o Gérard Castello-Lopes que discutia animadamente com o Sena, porque um defendia a Rolleiflex e o outro a Leica "máquinas fotográficas". O Sttau Monteiro era uma personagem engraçadíssima (o maior mentiroso que eu já conheci). Aquele era um mundo extraordinário e não estou a exagerar. Agora, à distância, fico espantado com a riqueza de sugestões, ensinamentos,

ideias que recolhi naqueles contactos. Na minha mesa estavam normalmente o Nikias Skapinakis e o Manuel João Leal. Enfim, da Brasileira íamos depois ao Chiado. Nos anos 50 lá estava também o Daciano, os surrealistas, o Keil, os funcionalistas e o Santana com o seu grupo de amigos. Depois ainda descíamos ao Nicola onde estava o Cassiano Branco que me foi apresentado pelo Gomes da Silva. Eram tudo pessoas que admirávamos muito e viemos a admirar ainda mais passados uns anos. No entanto, havia uma coisa que era evidente, um factor político e um geracional. Relativamente ao último, tínhamos a sensação de pertencer a uma outra geração. Embora não estivesse ligado à área do Daciano, os meus interesses andavam muito pela área do Urban Design. Aliás o termo Design levou muito tempo a impor-se e só nos anos 60 e 70 é que se começou, de facto, a ouvir falar-se dele, pois até então falava-se da Esthétique Industrielle. Resumindo, havia toda aquela riqueza daquele ambiente e dos conhecimentos. Hoje penso que isso seria impossível, mesmo existindo os cafés, pois éramos poucos e as pessoas acolhiam-nos. O café era um ponto de apoio fundamental. Foi fundamental para a nossa formação. Havia ainda um outro lugar que era a casa do Sena da Silva. Ele era o único rico e tinha uma boa casa ali na Rua Alexandre Herculano. O Carlos Calvet, o Lima de Freitas, o Abel Manta e eu frequentávamos muito a sua casa. Íamos para lá comer pastéis de bacalhau e beber champagne. Eram as duas coisas que ele tinha sempre para nos oferecer. E, além disso, passava os discos do Jacques Brel e do Charles Aznavour que o pai tinha trazido de Paris. Era um outro mundo. O nosso mundo era um mundo rasca, de modo que fugíamos a esses condicionamentos políticos e sociais e ali nos refugiávamos. E finalmente havia para nós, não para o Daciano, o Sindicato dos Arquitectos onde íamos muitas vezes para ouvir o Keil e conviver com aquele grupo de gente, da ICAT, que eram os arquitectos da oposição, os arquitectos da Bauhaus, do Le Corbusier, do Racionalismo arquitectónico, todos aqueles que formaram a geração do Keil. E, fundamentalmente, este era o nosso mundo. A escola nem pensar! Voltando ao Daciano, o meu contacto com ele foi circunstancial.





Falava com ele como falava com os outros, embora fosse uma pessoa de quem gostasse muito. Era um tipo caloroso, bom homem, inteligente e interessadíssimo. A ideia que tenho é a de que era uma pessoa de que toda a gente gostava. Alguns com grande amizade, como era o caso do Sena. A dada altura aconteceu uma coisa extraordinária: deixei de ver o Daciano por um longuíssimo período. Entretanto encontrámo-nos há cerca de cinco anos. Foi na festa de aniversário de casamento e sempre que nos encontrávamos comentávamos que tínhamos de ir jantar, até que uma vez fomos mesmo. Eu e a Carlota fomos jantar a sua casa e o reencontro foi mais sensacional ainda. De repente dei-me conta que tinha perdido durante anos o convívio com uma pessoa com quem tinha enormes coisas em comum... enormes. Começava na política e acabava na mesa. Era extraordinário... Como pude estar longe deste tipo estes anos todos quando somos tão parecidos e temos tantas paixões comuns? E, desde há cinco anos a esta parte, começámos a dar-nos intensamente. Todas as semanas, íamos jantar – os casais claro – e tínhamos longas conversas onde era frequente falarmos das memórias de outros tempos. Fui descobrindo um Daciano que mal conhecia, um homem de uma grande timidez. Mal se adivinhava naquela pessoa, com aquele estilo tão brilhante, aquele convívio apurado que ele tinha, uma pessoa extremamente tímida e que tinha “deixado em branco muitas coisas” como ele dizia. Tinha-se dedicado excessivamente ao trabalho, disse-o várias vezes, e tinha posto de lado muitas coisas que seriam importantes para a sua formação humana. E tinha noção disso. E depois vieram as viagens que não foram tantas como isso. Estivemos três vezes em Espanha e fizemos um cruzeiro na Noruega prolongado por uma estadia na Dinamarca de 10 dias. Viagens extraordinárias... De qualquer forma eu confirmei algumas coisas que já sabia: a sua paixão pelo Românico era uma coisa que ele levava a níveis extraordinários. Era capaz de andar quilómetros, como andámos à volta de Cáceres, para ver uma igreja românica perdida por entre montes e vales. Chegámos a uma aldeia miserável onde havia realmente os restos de uma igreja românica. Era comovente ver a alegria dele quando a viu e a forma

como a desenhou de todas as maneiras. Examinou-a sobre todos os aspectos, não só arquitectonicamente falando, mas também ao nível do pormenor e dos sistemas construtivos. Tudo isso o interessava apaixonadamente. Tivemos conversas infundáveis. Eu ouvia-o. Ele era um arquitecto, de facto, e falava como se eu não percebesse nada daquilo. O que ele sabia daquela matéria era verdadeiramente surpreendente. Na viagem à Noruega ele já estava bastante doente. Mais uma vez aqui se confirmou a paixão pela cozinha que eu com ele partilhava. Aliás, ele era um bom cozinheiro. Mas o que fica para mim é aquela forma calorosa de se relacionar, aquela humanidade, aquela pessoa, aquele homem. Isso é melhor que tudo o resto...

4ª Questão (colocada especificamente ao Eduardo Afonso Dias)

Jorge Spencer: Tanto o José Brandão como o Carlos Duarte referiram aqui um aspecto, que é recorrente e todos nós o reconhecemos e que eu acho que o Eduardo foi testemunha e parceiro nessa dimensão que é essa relação com a gastronomia. O José Brandão falou sobre isso no passeio à aldeia em que se deu o piquenique e que tem que ver com a relação entre a compreensão do lugar e o seu prolongamento com a gastronomia. Parte das suas viagens eram também pelas regiões gastronómicas. Não sei se te queres referir agora a essa dimensão...

Eduardo Afonso Dias: Concentrava a minha conversa na titulação desta mesa redonda: O Pedagogo em Viagem. Conhecendo o Daciano durante 40 e tal anos tenho uma visão temporal da pessoa em várias facetas. Comecei por trabalhar e aprender com ele. Tive um pequeno interregno de dois anos quando dei o “grito do Ipiranga” e fui trabalhar para o “inimigo” o Chico Silva “Francisco Conceição e Silva”. A nossa relação reforçou-se no re-convívio com ele e durou até há seis meses. O que queria referir é o Daciano, como personagem diferenciada do comum dos portugueses, porque é assim mesmo, ele era um homem com uma sede muito grande de conhecimento. Gostava de focar situações concretas que se passaram com ele e





que têm a ver com a sua atitude como projectista, como "homem da tarimba e de fazer pela vida". Ele era um homem de trabalho quase, direi, obsessivo. Trabalho, trabalho, fazer as coisas o melhor possível, indagar o porquê das coisas (foi uma coisa que aprendi com ele). Vou entrar num caso concreto para se recolherem algumas das suas ideias-força.

Um belo dia, não sei precisar há quantos anos, falei-lhe de um projecto de um amigo meu que é arqueólogo, que versava sobre a construção em "kit" de naus, no século XV, inícios do XVI. Eu não sabia e ele explicou-me que por efeito das tempestades e do peso que transportavam as armadas de flotilhas que iam para a Índia perdiam-se muitos navios. Então, chegou-se à conclusão que para a navegação de cabotagem no Índico, na costa de Moçambique, era interessante ter uns barcos mais pequenos, que não conseguiriam lá chegar desde Portugal, mas que seriam transportados pelas naus. Assim pensou-se produzir esses navios em kit, transportá-los nas naus e depois em Mombaça descarregar o material e montar. Falei nisto ao Daciano e ele quis falar com esse meu amigo, o José Luís de Matos. "É que eu preciso de saber como é que é!", disse-me o Daciano. Quando este meu amigo me explicou, eu achei curioso, mas fiquei-me por aí. O Daciano não! O Daciano foi "chatear o gajo", a saber como era. Ele ficou um craque naquela matéria e contava-me, "ele é um tipo simpático, deu-me esta informação toda... eu li, não em profundidade mas digo-te como é que era". E explicava-me que o cavname era feito em secções, com cavilhas de madeira... Isto demonstra o interesse pelos porquês de tudo.

Eu fiz muitas viagens com ele e outro exemplo tem também que ver com o Românico. Este era um tema que era recorrente nas suas preocupações projectuais. Numa viagem à Extremadura espanhola, lembro-me de irmos a Coria del Rio e a Cáceres. Esta viagem tinha um percurso gastronómico associado e projectado pelos dois. Em Coria del Rio, com a naturalidade da sua erudição e observação, o Daciano falou-me sobre a construção dos edifícios. Ele via coisas que nós não víamos e nós éramos um conjunto de pessoas que até sabia olhar para as coisas. Ele dizia: "Atenção, vocês já viram que este arco é feito em partes, oito elementos e, que um destes

elementos é igual a um que está ali atrás, que eu já vi? Isto era construção sistemática, há aqui um sentido de repetição". Lembro-me de outra situação em Salamanca, perante a Casa das Conchas. Eu já tinha visto aquilo não sei quantas vezes e o Daciano olha para aquilo e diz assim "isto é muito interessante. Já viste o ritmo das conchinhas? Isto tem um sentido "de baixo para cima" ou de "cima para baixo". Esta fachada é assim, "de baixo para cima" e, do outro lado, é "cima para baixo". Questionei-o onde ele tinha lido aquilo e ele respondeu-me que em lado nenhum, que quem a construiu se calhar nem tinha pensado nisso que era ele a pensar! Isto demonstra uma atitude de "ver pelo desenho" e da prática que ganhou ao longo dos anos nesta área, seja em coisas pequeninas, à "escala da mão", seja à "escala dos grupos".

Quanto à gastronomia, tenho um curto episódio para contar. O Daciano gostava muito de comer como vocês sabem, era um "lambão", mas gostava também de compreender como é que se faziam as coisas. É esse espírito que é de lembrar e de reflectir. Era um gourmet e embora não fosse um perfeccionista, porque não era, gostava de saber e fazer bem e quando não resultava ficava "lixado". Por exemplo: cortar um pão alentejano. Ele cortava-o de uma maneira sistemática. Eu aprendi com ele. Ele tirava o "tortemulho" da parte de cima e dizia: "fica para torradas pequeninas, fininhas e o de baixo para ensopar nos molhos". Depois, empilhava as fatias e aparava-as de modo a cortar seis fatias de uma vez só.

José Neves: Como se fosse um projecto, não é? Ele estava a trabalhar mesmo enquanto cortava o pão...

Eduardo Afonso Dias: Exactamente! São coisas pequeninas, do dia-a-dia, mas que demonstravam quem ele era. Isto fora as grandes reflexões sobre o seu apetite pela cultura e pela transformação do nosso quotidiano onde se encaixa a atitude de afastamento que o Daciano teve nos últimos 15 anos relativamente à indústria portuguesa. Ele dizia que a indústria ia acabar e que estávamos a formar "talidomidas para a Indústria". E eu dizia-lhe que não era bem assim, mas ele rebatia que em 15 anos acabaria tudo. Não existirá mais, nem cerâmica, nem vidro, nem cutelaria,





nem electrodomésticos ligeiros..."

Em certa medida tinha razão mas aquela atitude de repulsa ou de afastamento tem que ver com outros interesses que lhe assaltaram a mente nos últimos 20 anos.

5ª Questão

Jorge Spencer: Temos coleccionado uma série de estórias e por detrás destas reconhece-se esta ideia do modo sistemático do olhar do Daciano... às vezes contava-me que o Carlos Duarte lhe dizia que ele estava sempre a trabalhar, sempre a trabalhar! Já agora pergunto ao José Neves como foi a viagem que fez com Daciano à ICEL "fábrica de cutelaria", na Benedita e em que ele pelo caminho ia dizendo coisas que representavam no fundo esse olhar particular.

José Neves: Eu nunca viajei com o Daciano à excepção duma pequena viagem que demorou uma hora e meia mas que foi inesquecível para mim. No regresso vim ao lado dele e ele veio todo o tempo a descrever a paisagem mas, a descrever de uma maneira completamente focada nas marcas humanas que ia vendo, fossem elas agrícolas ou edificadas. Aliás, ele costumava usar uma citação no princípio do trabalho que fazia em Desenho de Arquitectura, que dizia ser do Walter Benjamim (mas eu tenho as minhas dúvidas) e que era "Habitar significa deixar rastros". Ele passou a vida inteira apaixonado por esses rastros. Aliás, há pouco tempo estava a ler uma entrevista com um arquitecto brasileiro, em que ele dizia que "a Natureza só é bonita e interessante quando olhada através de uma janela". Creio que este era também o lado profundamente ateu do Daciano.

Há pouco estava a ouvir-vos e reparei que estão aqui um arquitecto, um designer de produto e um designer de comunicação. Creio que isso é extremamente interessante pois lembramo-nos das pessoas pelas relações. E isto tem também que ver com este entendimento da transversalidade entre disciplinas que o Daciano tinha, porque

ele era designer mas "falava como um arquitecto", por exemplo, quando se referia ao românico nas conversas com Carlos Duarte. Era um pedagogo em viagem porque a coisa que o Daciano mais gostava de fazer era partilhar.

Tenho aqui um bloquinho que trouxe e que tem uns desenhos dele que foram feitos depois de uma viagem aos Açores. Ele vinha entusiasmadíssimo e pediu-me o meu bloco de croquis para me descrever algumas coisas que tinha visto. Ele não me descreveu a beleza natural do Açores, mas sim alguns dos objectos arquitectónicos que tinha visitado. É curioso ver estes desenhos que basicamente são uma planta e, depois tentar descobrir uma ordem geométrica e uma proporção das diversas partes. Daciano desenhava um alçado e ao lado um detalhe. Lembro-me particularmente de ele me descrever o detalhe. Dizia que era o detalhe de um "artesão muito tosco", ele não sabia fazer aquilo bem e, portanto descrevia-me algumas das imperfeições que o tinham encantado, como um sinal muito visível de uma mão.

Lá está, outra vez o rasto...

6ª Questão

José Neves: Tendo em conta que, no trabalho, o Daciano funcionava 24 horas por dia, gostava de saber de que maneira é que nas viagens essa tal paixão pelos rastros se revelava, fosse ela a origem de um prato, por exemplo, ou outra qualquer. Quais eram, de facto, os interesses do Daciano, o que visitava e como se relacionava com as coisas?

Carlos Duarte: A última viagem que tínhamos planeado acabou por não se concretizar. Em conversa com o Daciano, propus-lhe irmos à Argentina, especificamente ao Estreito de Magalhães e a Buenos Aires, cidade que ambos gostávamos muito. Só que ele disse-me para dispensar o Estreito de Magalhães por ser pouco apaixonado pela paisagem natural. Acabámos por não ir.





7ª Questão

João Paulo Martins: E a ida à exposição da ARCO, em Madrid?

Carlos Duarte: Ele teve a mesma reacção que eu. Aquilo era uma “indigestão de pintura” e resumimos a ida a um dia apenas.

Comentário José Neves dirigindo-se a Eduardo Afonso Dias: Voltando um pouco atrás e ao que foi dito, por acaso penso que o Daciano não era muito “lambão”, ele não apreciava muito a quantidade.

Carlos Duarte: Sempre que eu viajei com o Daciano, ele levava uma lista dos restaurantes que valiam a pena. Em Madrid fizemos isso e foi um êxito. E na Noruega uma vez o Daciano acertou em cheio.

José Brandão: O Daciano tinha um grande fascínio pela clareza e pela leitura dos espaços, por isso é que ele gostava do Românico. Ele afastava a ideia do arabesco e de tudo quanto fosse sobreposição. Mesmo em relação ao gótico ele defendia que aí já se acrescentava. A grande clareza dos volumes no Românico era muito importante para ele. Ele tinha um grande fascínio pelo megalitismo, o que nos levou à última viagem que fizemos juntos, a Karnak, para ver aquela escala impressionante. Essa foi das viagens mais preparadas. De facto ele gostava de desenhar compulsivamente, do mesmo modo como gostava de viver e isso tem a ver com a sua relação com a comida mas também com a paisagem. Lembro-me igualmente da nossa tormentosa viagem ao deserto, em que o Daciano acordou mais cedo para ver aquele nascer do Sol impressionante.

Queria focar ainda que ele tinha uma cultura enorme, nomeadamente na área da arquitectura. Tive a oportunidade de fazer com ele uma viagem muito interessante à Grécia, onde

ele nunca tinha ido. A subida à Acrópole foi para ele um relativo sacrifício e no Templo de Apolo não chegou a ir ao nível mais elevado. Mas foram momentos muito emocionantes. Outra viagem preparada pelo Daciano foi uma ida ao sul de Marrocos para vermos construções completamente integradas na paisagem, mas quase que efémeras, como as fortificações construídas em taipa e que quase se auto-regeneram, porque estão em permanente destruição e reconstrução. Isso foi muito preparado. Foi um programa exclusivamente organizado por ele e pela sua mulher, a Teresa, e para a qual adquiriram de propósito inúmeros livros. Foi uma viagem feita à sua medida.

Relativamente a Foz Côa, da primeira vez que Daciano lá foi, descobrimos que por questões de luminosidade, em determinadas alturas do dia as gravuras não são visíveis porque estão na sombra.

8ª Questão

Jorge Spencer: Ele tinha algum pudor no momento em que desenhava?

José Brandão: O Daciano não tinha pudor absolutamente nenhum. Aliás temos muitas fotografias dele rodeado de pessoas a verem-no desenhar, com uma calma enorme e um elevado sentido de humor.

Jorge Spencer: Ao desenhar, Daciano estava sempre a olhar para o papel, porque primeiro observava o objecto e depois reconstruía-o no papel, quase sem o voltar a observar.

9ª Questão

José Neves: Enquanto Daciano desenhava ficavam à sua espera?

José Brandão: Tínhamos de esperar. Como sabem ele era uma pessoa impositiva, tinha os seus humores... Havia coisas que



ele permitia mal. Ele desenhava bastante depressa, no entanto envolvia sempre um certo tempo. Por vezes íamos ver qualquer coisa que não o atraía e ele ficava para trás.

10ª Questão

João Paulo Martins: Quando se fez a exposição dos “Croquis de Viagem” e se publicou o livro um dos críticos disse: “Cá está mais uma exposição de um virtuoso do desenho”. No entanto, parece-me que apesar do elogio, ele passou por cima daquilo tudo sem perceber grande coisa. Já vimos aqui que o seu desenho não era evidente mas tinha a mais-valia de reflectir a sua leitura dos traços humanos sobre o ambiente. Mas, ele era um virtuoso, ou não?

Carlos Duarte: Aquelas pessoas com que me encontrava nessa altura no atelier do Frederico Jorge eram todos virtuosos. Desenhavam magnificamente: o Lima de Freitas, o Sena da Silva, o Jorge Vieira e o Daciano também. Mas, devo ser verdadeiro, de facto nunca distingi o Daciano como particularmente virtuoso em relação aos outros.

José Brandão: Recorrendo às frases taumáquicas que costumava usar, Daciano desde cedo me dizia que ele não tinha um talento especial, o que fazia era agarrar o touro pela cara e não o largava enquanto não o tivesse dominado.

Eu acredito de facto que ele tinha predisposição para o desenho. Relembro o trabalho que desenvolveu para o Teatro Villaret em todos os aspectos, desde os móveis aos interiores, passando pelos tapetes, pelos panos de cena e acabando até os figurinos e nos cenários, tudo com um enorme controlo e, devo dizer até, com facilidade.

11ª Questão

José Neves (questão colocada aos três): O Daciano era um turista ou um viajante e de que maneira é que o desenho tinha importância nessa distinção?

João Paulo Martins: Qual é a diferença entre turista e viajante?

José Neves: O turista implica um tipo de consumo que é estéril relativamente àquilo que se visita. Como já foi dito aqui, o Daciano era uma pessoa que estava sempre a trabalhar, logo as viagens eram uma parte da vida que depois se estendia àquilo que ele era e que fazia no seu dia-a-dia. Acho que a grande diferença é esta.

Carlos Duarte: A ideia que eu tenho, das viagens que fiz com o Daciano é a de que ele era um desenhador compulsivo. Recordo uma cena que se passou ao pé de Oslo numa cascata. Eu, a Teresa [mulher de Cassiano] e a Carlota [minha mulher] ficámos ali a olhar para a queda de água. Demos uma volta, comprámos umas coisas e perdêmo-lo completamente. O Daciano tinha pura e simplesmente desaparecido. Fomos dar com ele muito longe dali, sentado num pedregulho a desenhar e já tinha uma série de desenhos feitos. Ele sentia uma grande necessidade de desenhar.

José Brandão: Devo dizer que não o vi a desenhar senão nas viagens e no atelier em trabalho. Daciano não era um desenhador tão compulsivo. Há um caso excepcional que é o Japão. Não há desenho nenhum dele daquele país. Com a máquina fotográfica que Eduardo Afonso Dias lhe deu, a Pentax, ele ficou fascinado pela fotografia a ponto de se ter absterido de desenhar nessa viagem.

São poucos os desenhos do Daciano que não têm intervenção humana. Ele nunca desenhou Lisboa por exemplo. Ele desenhava sobretudo em viagem.

José Neves: Em viagem, o Daciano tentava trazer tudo aquilo que encontrava.

Carlos Duarte: É verdade. Num café, o Daciano não fazia desenhos em cima da toalha, como fazia Cassiano Branco.

José Neves: Talvez Daciano não fosse um desenhador compulsivo mas um “olhador compulsivo”.



(A questão colocada a Eduardo Afonso Dias): Qual a relação de Daciano com a fotografia?

Eduardo Afonso Dias: Esse bicho da fotografia... O meu encontro com o Daciano dá-se por causa da fotografia. Eu queria ser fotógrafo, mas a Gulbenkian não deixou. Às tantas cruzei-me com ele por causa da fotografia e chegamos a montar um laboratório em Belém. O Daciano tinha um certo atavismo em relação às máquinas. Mas quando foi ao Japão, ele levou uma máquina compacta e, contrafeito, lá tirou uns 30 rolos ou mais.

(Testemunho do Brasil – Forte Príncipe da Beira)

Eduardo Afonso Dias: Daciano era o pedagogo em viagem. No Brasil, perante o Forte Príncipe da Beira, no Amazonas, com toda aquela dimensão e, ainda por cima, sendo o seu grande amigo, Viana de Lima, o responsável pelo projecto de recuperação, Daciano produziu uma série de reflexões inesperadas sobre o modo como o conjunto havia sido construído. Mais do que o problema de levar para lá aqueles “matacões” de pedra com mais de uma tonelada cada, admirava-o a sistematização do seu corte e da sua arrumação como lastro nas caravelas. Não nos esqueçamos que as pedras eram originárias de Portugal, da pedreira de Vila Verde, em Pêro Pinheiro. A sua curiosidade fez com que procurasse saber todos os pormenores do seu fabrico e transporte, ao ponto de ficar a saber mais do que o próprio Viana de Lima.

